

# CAXIAS E A UNIDADE NACIONAL

MÁRIO LINHARES

## HOMENS - SÍMBOLOS

Há homens que nascem sob o signo da mais sublime predestinação.

Tornam-se êles, pela sua extraordinária ação patriótica e benemérita, um símbolo da Nacionalidade.

Num simples olhar retrospectivo, através da marcha milenária dos tempos, temos a prova dessa afirmação.

Assim, ressurge-nos à retina, como uma visão apocalíptica, tudo o que se foi — povos, cidades e civilizações desaparecidas na antiguidade, tragadas pela voragem da morte.

Cartago, por exemplo, cujas ruínas se sepultaram nos adustos areais africanos, ainda sob o ressôo incessante da voz de Catão — na *Delenda Cartago* — tão bem focalizada nas páginas de *Salambô*, de Flaubert, — Cartago ainda revive pela fôrça do gênio imortal de Anibal, o maior dos seus generais.

Bizâncio existe ainda na perenidade dos séculos, pela evocação dos feitos heróicos de Belisário, o chefe supremo dos seus exércitos.

Alexandre lembra o esplendor épico da Hélade antiga divinizada nos versos imperecíveis das epopéias homéricas.

Tudo remanesce ao influxo dos cometimentos imortais, por um milagre inaudito da Natureza.

Dêste modo, a figura excelsa de Caxias continua a viver,

entre nós, como um nume tutelar, com aquela mesma importância e fulguração dos seus dias triunfais, em prol da nossa sobrevivência como Pátria forte, una e indivisível, tornando-se um ídolo digno da sagração dêsse culto permanente que todo o Brasil lhe rende, com a unção de um sentimento religioso.

A expressão de Carlyle de que — “A história do mundo é a biografia dos seus grandes homens” — tem, aqui, neste sentido, uma significação profunda, porque a só vida, a vida conspícua de um varão sintetiza tudo quanto há de mais grandioso e edificante, através de todos os lances da história da humanidade.

### A UNIDADE NACIONAL

Quando olhamos para o mapa do imenso território brasileiro, com os seus oito e meio milhões de quilômetros quadrados, abarcando uma área de superfície quase continental, o que mais nos enche de orgulho e ufania é a maravilha da sua prodigiosa unidade geográfica, política e espiritual, como exemplo raro entre tôdas as nações do mundo.

Parece que um poder sobrenatural preside aos superiores desígnios desta grande Pátria, aberta à glória do mais imprevisível dos destinos históricos, num futuro de infinita grandeza, a caminho das mais formosas reivindicações e conquistas da civilização.

Nada mais admirável do que a colonização do Brasil e a criação desta Nacionalidade feita pelo português.

Nenhum povo seria capaz de tamanha obra; só êle poderia fazer o Brasil, pela pertinácia, pela resistência aos climas cruéis e facilidade de cruzar-se, sem anular as qualidades dominantes do tipo primitivo, observou Afonso Arinos. Outros que o tentaram apercebidos de maiores recursos, em homens, riqueza e tudo mais, não o conseguiram.

Os ingleses tomam e saqueiam Santos, assolam a Bahia, assaltam Recife; os holandeses ocupam pontos do Amazonas, apoderam-se do Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba. Per-

nambuco e Alagoas e, depois de 20 anos de dominação, são forçados a abandonar a prêsa; os francêses criam a *França Antártica*, tomam, duas vêzes, o Rio de Janeiro, fortificam-se no Maranhão. Expulsos, contentam-se com as nesgas dos territórios chamados Guianas, ao norte do continente, que ainda constituem um quisto contrário à doutrina de Monroe.

O português, unindo-se à raça indígena, num abraço de amor, deu-nos o *Mameluco* — o primeiro instrumento de unificação do Brasil.

“O europeu — salienta ainda Afonso Arinos — mesmo o português, não poderia, sem o cruzamento, subjugar a brutal aspereza dêsse território colossal. A terra brasileira era fundamentalmente nativista, para entregar-se, exigiu ela um tipo de sub-raça gerado e crescido”.

Até a data das *Bandeiras*, os limites entre as colônias portuguesas e espanholas eram determinadas pela linha imaginária do tratado de Tordesilhas”.

Em virtude das bases daquele célebre tratado, firmado entre Portugal e Espanha, em 1449, os Estados do Amazonas, Goiás, Mato-Grosso e Rio Grande do Sul e a maior parte de São Paulo, Paraná e Santa Catarina ficavam pertencendo à Espanha, deixando-nos circunscritos a uma simples faixa litorânea.

Com a formidável penetração dos *Bandeirantes*, o nosso território dilatou-se, numa expansão ciclópica que nos deu, com outras reivindicações e aquisições posteriores, as fronteiras atuais.

Como foi assombroso êsse esforço, de que os fortes *Príncipe da Beira*, *Nova Coimbra*, *Macapá*, e outros são vozes eloquentes que repercutem, através do tempo e da distância, e chegam até nós, como uma clarinada daqueles acontecimentos que ergueram o Brasil aos alcantis da História, como nação independente, de par com as suas co-irmãs no concêrto universal.

\*

\* \*

A vindo de D. João VI foi de incalculáveis consequências para o desenvolvimento do Brasil, que, sob seu fecundo reinado,

tomou impulso fundamental de vida própria. Sem intenção, decerto, arroteava o terreno e plantava as sementes de que haviam de brotar a floração e frutificação da Independência — proclamada, depois de seu retôrno à Côrte, por seu filho, mais tarde, nas margens do Ipiranga.

Realmente, com o grito da Independência, D. Pedro I fundava o Império Brasileiro.

Mas, com seu temperamento impulsivo, imprudente e desabusado, não se pôde firmar no trono, tais as dissenções e revoltas que provocou, a ponto de ser forçado, pela incompatibilidade com os seus súditos, a abdicar na pessoa de seu filho ainda infante.

Essa premente resolução foi de vital importância para o Brasil, num momento de anarquias e perturbações de tôda a sorte.

“Quando a Natureza tem grande obra a realizar, faz nascerem os instrumentos”, disse Alberto Faria, lembrando no aspecto metafísico dêsse pensamento, o interêsse particular de uma tése lançada por Lamartine, em 1856, a propósito da pobreza de superioridade no cenário do mundo, com excepção curiosa para o Brasil.

Dir-se-ia que a honrosa excepção feita para o nosso país, pelo poeta dos “Girandinos”, numa América emergida das mesmas convulsões de independência, visava à pessoa de D. Pedro II, na fase de formação da Nacionalidade e de congraçamentos políticos do vasto domínio português, desmembrado em capitâneas, separado por distâncias imensas, por climas diversos e ameaçado do risco da desintegração, como o vice-reinado espanhol, fracionado em estados diferentes e constantemente hostis.

A proclamação da Independência abriu-nos a clareira para aspirações maiores da formação de uma Pátria nova, dentre as mais sombrias apreensões e sobressaltos.

D. Pedro II, assumindo o poder, aos quinze anos, em 1840, veio dar, predestinadamente, solução feliz ao problema da unidade e irmanar todos os brasileiros na comunhão dos melhores sentimentos patrióticos, na organização de uma só família.

Esse grande monarca, com os seus estadistas de escol, conseguiu assentar, em definitivo, as bases da nossa emancipação e soberania, livrando a nossa terra da cobiça forasteira.

Um estadista continental chegara a dizer:

“O Brasil, pela sua configuração geográfica, tem a forma de um presunto. Mãos aos garfos! Mãos aos garfos!”

Enganara-se, porém, a cupidez dêesses aventureiros infelizes, no desvairado sonho do festim de Baltazar!

O sentimento da unidade nacional já estava entranhado, de tal modo, em nossos ser, que nada seria capaz de destruí-lo.

Tornou-se êle a fôrça insopitável do instinto de conservação, a razão de ser da própria existência.

## CAXIAS

D. Pedro II, para levar a efeito o esplêndido plano do seu reinado, teve como um dos veículos principais êsse homem extradinário que foi Luiz Alves de Lima e Silva.

O Brasil não podia continuar adstrito ao desassossêgo das lutas intestinas de irmãos contra irmãos, dos caudilhismos, das sedições inconsequentes e sem finalidade patriótica, para não cair no caos, fazendo periclitar a sua integridade física e política, com o desastre da fragmentação.

Não havia uma colônia a explorar segundo os preceitos do fiscalismo, pondera Oliveira Viana; mas, uma pátria a construir, um povo a governar e dirigir.

Para a pacificação e extinção dos focos subversivos tivemos em Caxias o homem talhado para a árdua e gloriosa missão.

O país precisava de paz e união para viver, organizar-se e abrir rumos novos para o advento de melhores dias, à luz da lei, da ordem e do progresso, de molde a impor-se ao consenso internacional.

A biografia de Caxias é por todos conhecida: está nos compêndios escolares, nas antologias e, principalmente, no coração de todos os brasileiros, como um livro aberto, em cujas páginas, agitadas pelo frêmito de sadío patriotismo, se encontram os mais

altos ensinamentos, a mais formosa lição de sabedoria cívica e moral.

Em 1822, era tenente-ajudante do “Batalhão do Imperador” e tomou parte na campanha da Independência da Bahia, que culminou na epopéia de 2 de Julho de 1823. Sob o comando de seu tio José Joaquim de Lima e Silva, ao lado de Labatut, tivera o seu batismo de fogo, dando grandes provas de valor.

Em 1825, na campanha da Província Cisplatina fêz-se paladino medievo das linhas avançadas de Montevidéu, para desbaratar Oribe e Rosas.

Durante a Regência, foi o major Luiz Alves de Lima o estio de Feijó, quando êste, então Ministro da Justiça, teve de reprimir tentativas de revolta. O corpo de “Permanentes” sufocou, entre outros, o movimento da *Abrilhada*, de Miguel de Frias.

A sua energia de soldado nunca fêz garbo da violência, antes, punha à prova sempre a nobreza dos seus sentimentos, como sucedeu êsse próprio Frias, com os cabeças dos levantes de Minas e São Paulo e em outras ocasiões.

Em 1837, esteve no Rio Grande do Sul e pôde observar o teatro da luta civil a que, mais tarde, conseguiria pôr têrmo, coberto de louros.

Foi, porém, em 1838, que lhe chegou a oportunidade de revelar os seus preclaros atributos de pacificador, dominando, admiravelmente, a rebelião chamada — “Balaiada” —, no Maranhão.

Tratava-se de uma aventura de bandoleiros da pior espécie que espalhavam o pânico e devastavam o interior do Maranhão e Piauí, com depredações, crimes e deshonras. Chegaram os bandidos a dominar a cidade de Caxias, após uma luta titânica em que se empenharam homens e mulheres, com espartano heroísmo.

Luiz Alves de Lima, nomeado Presidente do Maranhão e comandante do “Exército Pacificador”, conseguiu desbaratar, em pouco tempo, a horda vandálica, restabelecendo a disciplina e a ordem, e cuidar eficientemente da administração provincial,

por cujos relevantes serviços lhe foi conferido o título de *Barão de Caxias*, além da promoção a Brigadeiro.

Não cessaram, entretanto, as revoltas em outros pontos do país. Não tardou que Luiz Alves de Lima seguisse para São Paulo e depois para Minas, afim de abafar os movimentos fomentados pelos políticos descontentes. Em São Paulo a sua ação foi fulminante como o foi, também em Minas, com a capitulação dos sediciosos.

Chamado, outrossim, à guerra dos “Farrapos”, que se prolongava por quase um decênio, nos avanços e recuos próprios aos entrevêros dos caudilhos, Caxias, depois de intensos lances da campanha leva de vencida os farroupilhas, no combate de Ponche Verde; afinal derrotando-os, em Porongos, de uma vez por todas.

Fóra desses prélios inentes em que o *Duque de Ferro* pôs a sua espada a serviço da unidade nacional, conquistou êle outras palmas em combates de grande envergadura como os da Guerra do Paraguai, cabendo-lhe dar o golpe final como chefe da vitória do Brasil, com a sua entrada triunfal em Assunção.

“A história dessa guerra — escreveu Silvio Romero — a todos os respeito, ainda está por fazer. O nome de Caxias há de sair das suas páginas eternamente aureolado.

\*

\* \*

Vê-se, pois, que a unidade nacional foi definitivamente consolidada por êsse super-homem, com a jugulação de todas as insurreições que perturbavam a vida brasileira.

Euclides da Cunha escreveu, — “Caxias . . . o mais prudente dos heróis . . . cuja espada seria a escôra de um reinado”.

Virgílio de Sá Pereira foi mais longe no seu entusiasmo, quando disse: — “Se há um Brasil é porque houve um Caxias”.

Alberto Faria, entre outras mentalidades que lhe teceram epinícios à vida e à obra, assim se expressou:

“Seus adversários nas armas, seus compatriotas vencidos,

êle os imobilizava pela generosidade. No Rio Grande do Sul substituiu um *Te-Deum* de vitória por missas em sufrágio dos soldados legalistas e dos combatentes republicanos de Piratinim. Em Minas Gerais, mandou tirar ferros dos pulsos dos revoltosos e repreendeu os autores da brutalidade. Em todas as lutas civis em que a sua capacidade militar foi reclamada, Bahia, Maranhão, Minas, Rio Grande, São Paulo, venceu pela presteza e energia de ataque; mas do General triunfante não subsistia senão o prestígio da vitória do pacificador, serenados os ânimos, esquecidos os ódios, acalmadas as dôres. Miguel de Frias, Canabarro e o Ministro da Guerra de Piratinim, José Mariano de Mattos, fôram, depois, seus fanáticos comandados nas guerras externas. Nas ofensivas para vencer não perdia um minuto; na hora imediata a da vitória, era o advogado do perdão”.

\* \* \*

À figura de herói invicto, emergida do fragor das batalhas, junta-se a do político e estadista, quando a investidura senatorial o leva, por mais de uma vez, à Presidência do Conselho de Ministros, onde a sua firme e prudente atuação desarma a exaltação dos espíritos, amaina as dissensões e cria, superiormente, ambiente propício aos trabalhos fecundos em bem da Pátria.

Os cinco anos, a partir de 1846, de sua notável ação parlamentar assinalaram a época de maior estabilidade e prestígio do Império.

Já depois da Guerra do Paraguai, em 1875, enfêrmo e alquebrado, por instâncias do Imperador que se ia ausentar do país, fica, na Regência da Princesa Isabel, à testa do Gabinêto, na Presidência do Conselho e na Pasta da Guerra, pondo em holocausto as suas últimas energias físicas, para bem servir o Brasil.

Deve-se-lhe, então, a anistia e liberdade dos Bispos vítimas da *Questão Religiosa*, num largo gesto de conciliação muito justo e honroso.

“Seu bom senso — afirmou o Visconde do Rio Branco — tocava às raias do gênio”.

Caxias fixou, nas atitudes mais heróicas, o instinto de nacionalidade que construiu o destino e o gênio de um povo que afirmou na luta a sua consciência cívica, transmitindo sucessivamente a todas as gerações o sentimento da sua unidade, o amor à sua terra, a exaltação da própria honra e o culto sagrado da Pátria.

Ainda hoje, após o sesqui-centenário de seu nascimento, o seu vulto cresce, se agiganta e continúa refulgindo nos áditos da História, com fulgor de uma alvorada constante, guiando-nos a todos nós, com seu clarão sempre novo, como a coluna de fogo dos Hebreus, na marcha avançada, para o futuro.

A memória de Caxias criou uma mística na alma brasileira, que, como a uma divindade, lhe evoca o nome, na angústia das crises nacionais, consoante se vê deste inspirado soneto de Modesto de Abreu:

#### A GLÓRIA DE CAXIAS

Nestas horas de horror nestas horas sombrias,  
Quando a Pátria recebe estúpida agressão,  
Paíra por sôbre o altar da brásílea Nação,  
Qual nume protetor, a imagem de Caxias.

Nestas horas de dor, de luto e de aflição,  
Em que as forças do mal, as negras tiranias,  
Tudo querem destruir — nestes nefastos dias —  
Sejo o Duque de Ferro a nossa inspiração.

Dêle o amparo nos vem, na paz como na guerra;  
Como êle, sem temor, em defesa da terra,  
Sabemos lutar, com as armas na mão.

Quem Brasileiro fôr, há de seguir-lhe o exemplo.  
E Luiz Alves de Lima há de ter sempre um templo  
Em nosso pensamento e em nosso coração”.

Sim. As multidões patricias, diante da importância marcial

da sua estátua equestre, no Panteão, na metrópole, curvam-se, reverencialmente, exorando que seu espírito nos guie e nos dê força para conservarmos sempre o tesouro de uma Pátria coesa, inteiriça, sem quebras, inconsútil, firme e invencível.

Na magnificência da sua glória, a sua personalidade lendária, mitológica, ficou, rediviva e mortal, sagrada pelas bênçãos da posteridade, numa demonstração constante e enternecida da gratidão nacional.

Que em meio ameaças e perigos, não deixe nunca de pairar em nossos ouvidos, como um clarim de rebate, no sortilégio da sua voz de comando, aquela sua frase mágica de Itororó: — “Sigam-me os que forem brasileiros”.